

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

MARSIRLEI CAVIQUIOLI

**CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM BASEADA EM RECONHECIMENTO E
REPRESENTAÇÃO TENDO ASTERIX COMO REFERENCIAL DE
ANÁLISE**

MATINHOS

2019

MARSIRLEI CAVIQUIOLI

**CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM BASEADA EM RECONHECIMENTO E
REPRESENTAÇÃO TENDO ASTERIX COMO REFERENCIAL DE ANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso de
PósGraduação em nível de Especialização *Latu
Sensu* em Questão Social na Perspectiva
Interdisciplinar da Universidade Federal do
Paraná, Setor Litoral.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim.

MATINHOS

2019

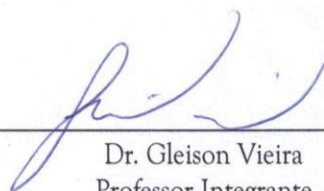
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **Dr. Ernesto Jacob Keim**, realizaram em 21 de setembro de 2019 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Marsirlei Caviquioli**, sob o título “CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM BASEADA EM RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO TENDO ASTERIX COMO REFERENCIAL DE ANÁLISE”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de **Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar***, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito “APL”.

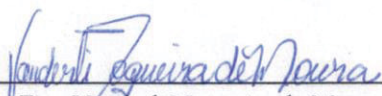
Matinhos, 21 de setembro de 2019.



Dr. Ernesto Jacob Keim
Professor Orientador



Dr. Gleison Vieira
Professor Integrante



Esp. Vanderli Nogueira de Moura
Professora Integrante



Marsirlei Caviquioli
Estudante

Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena

AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente

AI = Aprendizagem Insuficiente

RESUMO

O presente trabalho tem como foco debater a questão advinda da dificuldade de estudantes terem pouca motivação e dificuldade para lerem obras clássicas de literatura mundial. Para tal foi selecionado o clássico literário *Asterix – A Galera de Obelix* de Albert Uderzo e René Goscinny como referencial de análise. O propósito do trabalho é elucidar a importância da leitura dos clássicos literários, como uma fonte inesgotável para compreensão de expressões da questão social atual. Nesse sentido a busca se referenda na compreensão de como a linguagem utilizada num texto escrito, considerado como um clássico, tem marcas referendadas nas representações de Henry Lefebvre e no reconhecimento de Axel Honneth. Para alcançar esse propósito a investigação buscou identificar como a obra conduz o leitor de um texto clássico, para um olhar além do real aparente. A pesquisa pretendeu também demonstrar, por meio da obra selecionada, como a linguagem possibilita uma análise do real, por meio das locuções históricas, sociais, culturais e políticas que constituem a narrativa utilizada, de forma a que o leitor se sinta representado e se reconheça como parte ou como identificado com o tema tratado. A investigação considera como premissa a possibilidade de que o ser humano é social por natureza, e por isso estabelece sintonias que caracterizam representações e reconhecimentos. Dessa forma a pesquisa considera também que as expressões sociais, que caracterizam a sociedade, por meio das interações entre as diferentes e diversas linguagens, têm origem histórica, e para entendê-las, a leitura de obras literárias clássicas podem contribuir para que o leitor faça uma análise retrospectiva, que contribua para consolidar e fortalecer, sentido e sentimento de pertencimento planetário e vida emancipada. No processo investigativo, na perspectiva dos pressupostos específicos referentes à literatura, conforme abordagem de ciência própria para pesquisa teórica e documental, foram debatidos autores como Avram Noam Chomsky e Terry Eagleton, que referendaram a concepção de linguagem para investigar clássicos literários.

Palavras chave: Literatura Clássica; Linguagem; Representações em Lefebvre; Reconhecimento em Honneth; Questão Social.

ABSTRACT

This course completion work focuses on debating the coming question from the difficulty of students having little motivation and difficulty reading classic works of world literature. For this, the literary classic Asterix - The Obelix Guys by Albert Uderzo and René Goscinny was selected as a reference for analysis. The purpose of this paper is to elucidate the importance of reading literary classics as an inexhaustible source for understanding expressions of the current social issue. In this sense, the search is based on the comprehension of how the language used in a written text, considered as a classic, has marks endorsed in the representations of Henry Lefebvre and in the recognition of Axel Honneth. To achieve this purpose the investigation sought to identify how the work leads the reader of a classic text, to a look beyond the apparent real. The research also intended to demonstrate, through the selected work, how language enables an analysis of the real, through the historical, social, cultural and political phrases that constitute the narrative used, so that the reader feels represented and recognizes himself as part or as identified with the subject matter. The research considers as premise the possibility that the human being is social by nature, and therefore establishes tunings that characterize representations and recognitions. Thus, the research also considers that the social expressions that characterize society, through the interactions between several and different languages, have historical origin, and to understand them, the reading of classic literary works can contribute for the reader to make a retrospective analysis that contributes to consolidate and strengthen the sense and feeling of planetary belonging and emancipated life. In the investigative process, from the perspective of specific assumptions regarding literature, according to their own science approach to theoretical and documentary research, authors such as Avram Noam Chomsky and Terry Eagleton were debated, who endorsed the conception of language to investigate literary classics.

Keywords: Classical Literature; Language; Representations in Lefebvre; Honneth Recognition; Social issues.

APRESENTAÇÃO

Os clássicos são considerados como importantes fontes de informações para situar agora o que já foi elaborado a partir de desafios postos em outros contextos e situações sociais. Essas informações são fundamentais para a formação acadêmica e pessoal, pelo fato delas promoverem meios para a excelência da retórica e da escrita, mesmo nas áreas conhecidas e categorizadas como das exatas.

É sabido que autores de obras consideradas como clássicas, tiveram em sua formação acadêmica, abordagens que trataram de filosofia, sociologia, direito, matemática, história e geografia dentre outras formações, as quais são consideradas importantes no fazer literário contemporâneo, mas cuja formação pelos meios convencionais, tanto pela escolarização quanto pelos meios de comunicação, os quais deixam de lado a ênfase nessas perspectivas, valorizado sobremaneira o senso comum conivente com a realidade social e política vigente, mediada principalmente por abordagem competitiva, individualista e alienada do que repercute a favor da vida emancipada com dignidade.

Os docentes percebem que os estudantes deixam de lado a leitura de textos clássicos argumentando que estas leituras, são difíceis por conta do vocabulário “complicado”. Os discentes do ensino médio, na sua maioria, pretendentes às áreas profissionais de maior aceitação social, por influência familiar ou social, apresentam “aversão” aos clássicos, pois, segundo eles, esses conhecimentos serão desnecessários no futuro, inclusive nos vestibulares.

Essa posição se manifesta pelo fato de o teste classificatório (vestibular) relativizar a literatura como saber com pouco valor, com conotação de valor secundário. Essa posição pode reforçar de certa forma a negligência que envolve as aulas de literatura. Consequentemente, também em outras disciplinas da área de humanas, como história, geografia, sociologia, filosofia e arte, os textos clássicos também ficam marginalizados, sendo substituídos por simplificações e sinopses. Assim, se tem como as dificuldades de utilização de obras da literatura clássica, se estende para as obras referenciais das demais áreas que caracterizam e constituem os componentes curriculares escolares.

O resultado desse processo de empobrecimento das bases conceituais mais elaboradas, se manifesta na superficialidade com que os temas referentes

à vida passam a ser caracterizados por posturas e posições pouco envolvidas com a qualidade da vida como processo emancipado, incluyente e interativo.

Dessa forma pode-se dizer que na atualidade os sistemas escolares e de comunicação, contribuem para a formação de uma geração “monovocábula” e “monográfica”, a qual visa somente o futuro, desde que seja imediato. O passado torna-se irrelevante diante do que virá amanhã. O hoje, caracterizado como o agora e um pouco mais, se referenda em processos de comunicação falada e escrita, que desconsideram os fundamentos gramaticais que caracterizam o corpus histórico e cultural da língua e do povo com a qual está imersa e que os representa. Afinal, estão se comunicando e são entendidos e compreendidos por seus interlocutores e pares, de forma que o distanciamento do estabelecido deixa de ser importante e relevante. É o império do imediato e do agora.

Com esses aspectos introdutórios, esse texto defende que os clássicos literários são importantes, e por meio de formação escolar, eles têm a possibilidade de interagir efetivamente na formação do ser humano, humanizado, preocupado em entender as questões sociais pertinentes ao seu meio, e buscar possíveis soluções ou enfrentamentos diante das divergências da vida.

Dessa forma entende-se que as obras clássicas se caracteriza como tal pelo fato de se apresentarem numa condição de atemporalidade, na medida em que apresentam aspectos da vida, que são contemporâneos, como amor, ódio e trabalho, dentre tantos outros que constituem o cotidiano das pessoas, sempre imbuídas de aspectos que envolvem forças e poderes, portanto, ideologias e políticas carregadas de utopias. São representações sob um ponto de vista de uma realidade de outrora, possibilitando uma nova visão do presente, em que se pode fazer críticas do que acontece agora. Além de melhorar a escrita e adquirir conhecimento.

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

Encontrar uma linguagem concernente com postura pedagógico-didática que possa representar a importância dos clássicos literários, é o intuito deste trabalho. Para tal se buscou uma linguagem que possa revelar e despertar nos estudantes, interesse e estímulo para que tenham desejo e vontade de superar preconceitos e formações pré concebidas, para que se desenvolva nessas

peças motivação, e principalmente argumentos que sustentem necessidade, prazer e relevância, para a leitura de obras caracterizadas como clássicas.

Nesse sentido este texto se referencia teoricamente nos conceitos de linguagem de Avram Noam Chomsky, e nos propósitos das representações de Henry Lefebvre, e nos argumentos de reconhecimento propostos por Axel Honneth, tendo como obra referencial para análise, o clássico literário “Asterix” de Albert Uderzo e René Goscinny.

Preliminarmente, fez-se necessário um conhecimento sobre o que é linguagem e como foi concebida, segundo Chomsky, visto que é imprescindível na vida, pois trata-se da própria língua e suas formas de expressão.

Avram Noam Chomsky é um linguista, filósofo, ativista, autor e analista político estadunidense que nasceu na Filadélfia (Estados Unidos), no dia sete de dezembro de 1928. Foi introduzido na linguística por seu pai, especializado em linguística histórica hebraica. Estudou na universidade da Pensilvânia, onde se tornou doutor (1955) com uma tese sobre a análise transformacional, elaborada a partir das teorias de Z. Harris, de quem foi discípulo. Antes mesmo de concluir o doutorado, o intelectual já dava palestras nas universidades de Chicago e Yale, apresentando sua inovadora teoria linguística. Segundo ela, as pessoas não “aprendiam” a linguagem, elas já nasciam com um órgão responsável por isso. Assim, tornou-se professor do renomado MIT (Massachusetts Institute of Technology), a partir de 1961.

Partindo do princípio de que a linguagem se constitui como agente fundamental para a organização e conseqüente aquisição e incorporação de uma língua, caracterizada por Chomsky (1980) como inata e como orgânica, a qual se apoia na distinção que cada pessoa faz entre competência e desempenho. Esses atributos caracterizam de certa forma um comportamento real que sustenta o conhecimento subjacente a esse comportamento, viabilizando a impossibilidade de uma teoria fixa e totalmente ponderável e argumentativa para a linguagem, pois se referenda no fato de, sendo um atributo humano se caracterizar como algo mutante e fluido, ou líquido. (Lyons, 2016).

Particularizando a teoria de Chomsky por um viés mais próximo a este trabalho, pode-se dizer que linguagem é todo e qualquer pensamento concreto, ou seja, todo ato de reprodução e criação, de realidade percebida e representada

as quais são expressas por meio de linguagens. Esta pode ser manifestada através de uma fórmula matemática, uma forma geométrica, um acorde musical, uma determinada cor, uma letra qualquer, um som, um odor, um sabor, e assim por diante, desde que façam sentido no contexto ao qual está imerso e inserido.

Assim, a linguagem tem como finalidade a comunicação (comportamento real), seja essa de forma direta, indireta ou subliminar. Assim, pode-se afirmar que existem várias linguagens (dentre elas as diversas línguas existentes), em vários campos de atuação e a interconexão e/ou interdependência dessas no intercurso.

O conhecimento e a escolha da linguagem no intercurso, objetivando o resultado, o respaldo ou o retorno desta comunicação (conhecimento subjacente ao comportamento) dar-se-á pela competência de cada indivíduo. Percebe-se também que há vários níveis psicológicos e psicolinguísticos pertinentes à teoria de Chomsky, no entanto, ater-nos-emos no plano acima mencionado, ponto principal para este trabalho, que ficará elucidado posteriormente.

Esta competência é o que determina a aproximação entre indivíduos, no viver coletivo com a devida e respectiva troca de conhecimentos e saberes, seja no intuito do proveito ou da interação altruísta.

No contexto de uma sociedade é passível a percepção da constante utilização de diferentes linguagens em diversos níveis de competências e desempenhos. O que poderá determinar estes níveis são os propósitos e os objetivos a serem alcançados. E aí entra o conhecimento de qual ou quais linguagens deverá utilizar para que seu desempenho seja aceito, culminando na socialização, isto é, o processo pelo qual o indivíduo torna-se membro de uma determinada sociedade e participante da cultura que a caracteriza.

A socialização através da utilização de certas linguagens é perceptível dentro de grupos sociais, os quais acabam utilizando-se das mesmas linguagens, no intuito premente de *feedback*, tornando o ambiente harmonioso e equilibrado. Isto não quer dizer que não possa haver a transição de um grupo para o outro, ou mesmo a participação em vários, e o determinante disso é a diversidade linguística vigente.

A falta desta harmonia e equilíbrio, por divergência da linguagem, pode levar à ruptura de um indivíduo com o grupo social, gerando insatisfação no

retorno comunicacional e, como consequência, na exclusão e procura de outro grupo, que o faça sentir-se parte novamente de um meio social.

Esta ruptura não quer dizer que não mais fará parte da sociedade, visto que em uma visão mais ampla, ainda faz parte de uma sociedade culturalmente representada, por costumes alimentares, educacionais, dialética, ou pela própria língua, por exemplo.

É pressuroso deixar claro que a palavra competência, hoje, é usada para determinar qualidade, o que diverge do conceito aqui determinado por Chomsky. O conhecimento linguístico não determinará na qualidade da vida intelectual e artística, inclusive na carreira profissional e pretensões econômicas que o indivíduo desejará ter. O desempenho deste indivíduo, associado ao conhecimento é que determinará sua qualidade de vida.

No entanto, é importante ressaltar que as habilidades nas competências influenciam no desempenho e conseqüentemente no resultado da comunicação. E quanto maior a gama de habilidades das linguagens, maior poderá ser a compreensão e inserção social, aumentando a possibilidade de conquista de espaço entre vários grupos sociais, representando-se ou reconhecendo-se. E para melhor compreensão da importância na organização do processo comunicativo, é fundamental apresentar nesse texto, mesmo de forma breve, a contribuição da teoria das representações referenciadas em Henry Lefebvre e da teoria do reconhecimento referendada em Axel Honneth, no contexto comunicativo.

TEORIA DE REPRESENTAÇÃO SEGUNDO HENRY LEFEBVRE

Na teoria de representação, Henry Lefebvre, filósofo e sociólogo francês da corrente marxista, nascido em 16 de junho de 1901 em Hagetmau na França, e graduado em filosofia pela Universidade de Paris em 1920; contribui com seus estudos, entre outros, sobre a comunicação, no espaço urbano e na influência do capitalismo; aqui pertinente.

Para Henry Lefebvre, a inserção social, vai além da simples comunicação através de uma linguagem compatível, uma vez que o indivíduo precisa compreender que para isso, há necessidade de buscar representações, nas quais se baseará para assimilar a cultura que perpassa os ambientes e o

contexto no qual vive, produzindo e reproduzindo saberes, atitudes e conhecimentos, e assim, influenciando os processos subsequentes. Nessa perspectiva Henry Lefebvre aponta que...

Cada agente da produção do espaço tem suas representações: o promotor, o banqueiro, o comerciante, o proprietário de um terreno etc. Inclusive o “usuário”. Cada membro de um grupo capaz de intervir ou de formular existências [...] também tem suas representações do espaço, do habitat, da circulação etc. [...] Se o arquiteto se deixa enganar por estas ou aquelas “imagens” ou representações, coações invisíveis, perde também sua “vocaçãõ”. Não deveria reuni-las, para confrontá-las e superá-las na obra? Não teria aqui sua oportunidade de construir um lugar de presenças em um espaço de ausências? (2006, p. 272)

É notório que o viver coletivamente gera contradições, as desigualdades sociais, atribuídas por crises nos setores econômicos, da saúde e do poder, contribuem para o agravamento da compreensão da realidade em busca de uma sociedade harmônica e equilibrada. Entendemos que conhecimento social deve focar o esforço do indivíduo em pensar que pode ir além de simplesmente aceitar os fatos, tais como se apresentam. Assim espera-se que as pessoas devam investigar a realidade social por meio do método regressivo-progressivo conforme sugere Henry Lefebvre, (2006) ao remeter as representações a três fases distintas: a descrição do visível, a análise regressiva e a progressão genética.

A descrição do visível é a percepção e interpretação do que é vivido no cotidiano. A análise regressiva é a busca do passado, na tentativa de desvendar o que está por trás dos fatos, e assim, a realidade é descomposta, chegando à conclusão que ela não é equivalente, nem simultânea, e, portanto, as representações não são contemporâneas. Ao voltar para o presente, dá-se a progressão genética, que aponta para o real presente, explicado e compreendido, o qual é articular e único de cada pessoa e grupo social.

Assim, o indivíduo deve sempre se alimentar dos conceitos estabelecidos, da observação dos fatos e da busca das representações mentais. Isto é, inicia-se no presente e volta ao passado para recortar acontecimentos que expliquem o presente, e retorna a esse para verificar as possibilidades possíveis no momento atual para avançar no futuro.

Através desta teoria, pode-se inferir que a realidade deve estar aberta a vários grupos sociais, assim como as representações e os espaços.

Até aqui fica claro que um indivíduo, vivendo em uma sociedade, precisa da linguagem ou linguagens para se comunicar e, que, inserido neste convívio, ele precisa buscar suas representações para melhor compreender as vicissitudes da vida.

TEORIA DO RECONHECIMENTO DE AXEL HONNETH

No entanto, apesar da abrangência destacada por Henry Lefebvre na perspectiva comunicativa, a dimensão de representação não é suficiente para que este indivíduo seja, por assim dizer, aceito no meio social e cultural no qual interage. Como comentado anteriormente, ele precisa ser reconhecido e precisa reconhecer-se para que seja considerado como ser presente e integrado ao meio.

Na construção do que significa objetivamente o reconhecimento se tem Axel Honneth, como autor da Teoria do Reconhecimento. Axel Honneth, nascido em Essen na Alemanha no ano de 1949, é um filósofo e sociólogo alemão. Desde 1996 é professor de Filosofia Social e a partir de 2001, diretor do Institut für Sozialforschung (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade de Frankfurt (oficialmente, Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main, em português: Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt), instituição na qual surgiu e se encontra a chamada Escola de Frankfurt.

Honneth aborda a sociedade com vínculos morais e éticos que legitimam as ações dos indivíduos, que os fazem serem reconhecidos e reconhecerem-se. Em seu livro *A Luta pelo reconhecimento – para uma gramática moral dos conflitos sociais*, ele classifica esse reconhecimento como por luta em “... processo de aprendizagem moral, que conduz, através de diversos níveis de uma luta, a relações cada vez mais exigentes de reconhecimento recíproco...” (pág. 87).

Essa luta por reconhecimento é estruturada por normas que possibilitam explicar mudanças sociais, que se pautam em relações de reconhecimento, as quais estão vinculadas tanto ao auto relacionamento como à reprodução da vida social. Cabe destacar que a sociedade se organiza e se compõe por indivíduos

submetidos às leis que normatizam suas condutas e ações, as quais irão integrá-los ou não ao meio, conforme suas aceitações ou negações, ou ainda, conforme as dimensões com que organizam seus processos de resistência e enfrentamento.

Esta estruturação da sociedade, segundo concepção de Honneth, divide-se em três tipos de relações de reconhecimento: a do amor, do direito e da solidariedade.

As relações de reconhecimento do amor estão relacionadas à afetividade e dependência da personalidade humana. Nesta relação, o indivíduo precisa confiar em outrem, o qual responderá reciprocamente, aumentando o nível de autoconfiança em ambos. O reconhecimento do amor, assim, é a base fundamental de toda a moralidade, pois é o responsável pelo auto respeito e autonomia necessários para a participação na vida pública.

As relações de reconhecimento do direito estão relacionadas ao valor das propriedades características de cada indivíduo, a moral, vinculada ao fator histórico da mesma, determinará a sua participação na sociedade e sua formação pública. Aqui se percebe que as ações e as manifestações caracterizadas como atos públicos, os quais serão valorizados, conforme estejam a favor ou contra o que está estabelecido em conformidade com o grupo com o qual esteja interagindo. Cabe destacar que o reconhecimento do direito não está vinculado ao reconhecimento da justiça, uma vez que o direito está vinculado segundo Ernesto Jacob Keim (2011) ao que é estabelecido pelas normas e legislações que regem a sociedade como referencial de moral, e a justiça está vinculada à ética, que se caracteriza pelas ações da pessoa com relação ao que se caracteriza como referencial radical a favor da vida emancipada com dignidade sem prejuízo de outrem, resultando na radicalidade que caracteriza positivamente no convívio social e consigo mesmo. E mais uma vez tem-se o auto respeito como consequência.

As relações de reconhecimento de solidariedade estão relacionadas subjetivamente à auto compreensão cultural da sociedade, determinada pelo sistema moral. É o que diferencia cada indivíduo e permite medir as realizações dos objetivos sociais, quando mediados pelas posturas e convicções éticas por meio da qual a solidariedade se manifesta como reciprocidade. Essa relação de solidariedade possibilita que o indivíduo desenvolva concepções de boas ações

sem que seja contaminado por atos de desrespeito e a relação mediada pela ética, possibilita que o indivíduo atue na sociedade sem o componente excludente mediado pela competição e pelo individualismo tão presente na sociedade contemporânea

Para Honneth, estas três relações de reconhecimento, se caracterizam como o que determina uma sociedade harmônica e equilibrada, na medida em que possibilita a equivalência das forças e tensões que permeiam as relações e ações da pessoa nas interações interpessoais, intergrupais e interambientais, o que não impede os desrespeitos, os quais podem fazer com que a convivência social fique adoecida, justamente porque não houve na luta uma compreensão do papel exercido pelas três tipos de relações, propostos por Axel Honneth, ou seja, a presença na “luta”, por reconhecimento do amor, do direito/justiça e da solidariedade/reciprocidade, conforme Ernesto Jacob Keim (2019).

Portanto, o convívio social depende de uma comunicação baseada na busca de representações e reconhecimentos, os quais farão com que cada indivíduo compreenda sua vida como única e particular mas capaz de interferir e interagir com tudo que está à sua volta, podendo se manifestar efetivamente ao gerar ações benéficas, não só para si, mas para o coletivo. Só assim haverá uma sociedade em que prevaleça a respeitabilidade e posturas que viabilizem vida emancipada com dignidade.

CONCEPÇÃO DE LITERATURA

Faz-se necessário uma explicação do que é Literatura, palavra de origem do termo latim *littera*, que significa letra. Simplificadamente é a arte de criar e compor textos, e existem diversos tipos de literatura, como prosa, poema, romance, cordel, técnica, médica, popular, etc.

A literatura, como manifestação artística tem como cerne, recriar a realidade a partir de um ponto de vista pessoal do autor, bem como de seus sentimentos. Nesse sentido cabe destacar que, por meio desse processo, a obra carrega uma linguagem que extravasa, do autor, suas ideias, pensamentos, aversões, contradições, similaridades, e emoções, que se transformam e se corporificam nos textos, que retratam em tempo, um espaço e um conhecimento. Essa dimensão da literatura mostra uma característica do texto literário pelo fato

dele depender da forma como o leitor se identifica ou não, com a linguagem adotada na construção e organização do texto.

Assim, segundo Terry Eagleton, com a obra *a Teoria da Literatura: uma introdução* (2006), a Literatura pode transformar a realidade de quem lê, seja no aspecto formal ou informal, de forma que...

Na rotina da fala cotidiana, nossas percepções e reações à realidade se tornam embotadas, apagadas, ou, como os formalistas diriam, "automatizadas". A literatura, impondo-nos uma consciência dramática da linguagem, renova essas reações habituais, tornando os objetos mais "perceptíveis". Por ter de lutar com a linguagem de forma mais trabalhosa, mais autoconsciente do que o usual, o mundo que essa linguagem encerra é renovado de forma intensa. (pág. 5-6)

Mas o que faz uma literatura ser clássica? Ela é clássica quando a ela está incorporada a perspectiva de ser uma obra de arte e essa característica se manifesta quando o texto manifesto como arte, estabelece com o leitor sintonia e reciprocidade e também cumplicidade em muitos casos.

Muitos são os livros que são considerados Clássicos, como "Memórias póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis, "A Hora da Estrela" de Clarice Lispector, "Viva o povo brasileiro" de João Ubaldo Ribeiro, entre muitos outros. Mas por que esses e não outros tantos com milhões de livros vendidos?

Há muitos estudos e nenhuma conclusão contundente a respeito dos critérios utilizados para caracterizar uma obra como um clássico. No entanto, pode-se avaliá-la através do conteúdo, propriamente dito, e da forma como o leitor fica tocado pela obra, seja pela linguagem, pelo enredo, pelos personagens, pelo narrador, pelo clímax, ou pelo critério narrativo empregado pelo autor. Pode, inclusive, tornar-se um clássico pelo próprio mérito da obra ter um determinado escritor.

O clássico, só se torna clássico porque os leitores assim o elegem como tal, fazendo críticas e estudos sobre a obra, trazendo à tona, visões convergentes ou antagônicas, que vão de encontro ao interlocutor, que por sua vez irá ler e fazer, inclusive, uso deste no seu cotidiano.

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses - e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira - poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos. (EAGLETON, pág. 18).

Assim, um clássico é a obra que dialoga com quem a lê, transmite saberes, incorpora movimentos nas atitudes, preenche lacunas com significados, percebe sentimentos, elege alteridade, de tal forma que...

Diferentes percepções de mensagens, incluem diferentes percepções de realidades que caracterizam diferentes níveis de representação, de interação social, de estética, de consciência vital, de identidade e identificação planetária, e também de sentido existencial e de relações de poder. (KEIM, 2019)

Com essa posição cabe dizer que uma obra clássica se caracteriza por ser ativamente política, pois carrega em suas linhas utopias que resistem a determinadas ideologias como conflitos que se mantêm reais e presentes, apesar do tempo das mudanças que ocorrem nos espaços e conhecimentos.

ASTERIX – A GALERA DE OBELIX

Estas teorias são relevantes e totalmente aplicáveis à sociedade, inclusive em clássicos literários, como na obra selecionada para ser o objeto de análise, como ilustração desse texto, ou seja, o livro *Asterix – A Galera de Obelix* de Albert Uderzo e René Goscinny. Através deste clássico, será feito um estudo demonstrando como as teorias de representação e reconhecimento são perceptíveis no mesmo, e que a leitura dos clássicos ajuda no entendimento dos acontecimentos sociais atuais, possibilitando uma nova visão e determinando novas ações, agora com uma concepção crítica dos fatos. Desvelando o que, na literatura, desencadeia paixão pela leitura, seja pelas pausas, pelo ritmo, pela sensibilização ou pela intensificação dos significados. Compreendendo as diversas linguagens que perpassam em um texto ilustrado e romanceado.

Asterix (no Brasil) é uma série de histórias em quadrinhos criada na França por Albert Uderzo e René Goscinny no ano de 1959, baseado no povo gaulês e em grande parte no tempo do seu grande chefe guerreiro Vercingetorix. Após o falecimento de Goscinny em 1977, Uderzo prosseguiu o trabalho.

As primeiras publicações surgiram na revista *Pilote*, logo no primeiro número a 29 de outubro de 1959. O primeiro álbum *Asterix o Gaulês* foi editado em 1961, a partir do qual foram lançados anualmente.

A história de "Asterix – A Galera de Obelix" ("Astérix - La Galère d'Obélix", 1996) começa no palácio de Júlio César, em Roma, onde o Almirante Éunconsensus leva uma descompostura por ter sido roubada a galera de César por escravos amotinados. Estes escravos são liderados por Spartakis, o Grego, e decidem esconder-se no único local onde os romanos não ousariam entrar: a aldeia dos irredutíveis. Entretanto, na aldeia, ainda sem saber dos amotinados, Obelix se aborrece por, mais uma vez, não lhe ter sido dada a beber a poção mágica. Entretanto ele bebe, às escondidas, um caldeirão inteiro que o druida Panoramix tinha de reserva. E é assim que se sabe o que acontece caso se beba demasiada poção, um efeito colateral que nem o druida conhecia: transforma quem a bebe em pedra, e é isso que acontece a Obelix. O druida faz uma nova poção para remediar o ocorrido, o que dá certo até certo ponto, ele deixa de ser pedra, no entanto volta a ser criança, cheio de vontades e birras. Todo o enredo gira em volta de tentativas para devolver Obelix à sua condição normal, acabando na lendária ilha de Atlântida, onde os amotinados escolhem ficar e onde encontra-se a fonte da juventude, a qual poderia, nestas tentativas, fazer Obelix voltar ao normal. Outras peripécias acontecem até estar tudo bem outra vez e ao eterno banquete de javali, ao luar, com o bardo Assurancetourix, músico compositor da aldeia, amarrado, que não é tão bom (aliás, péssimo) em suas composições, além de ser desafinado.

REPRESENTAÇÃO E RECONHECIMENTO NO CLÁSSICO ASTERIX

No livro percebe-se várias linguagens utilizadas por Uderzo, a pictórica, que vai muito além do que aparentemente é fazer um desenho: as cores características dos romanos e gauleses, as vestimentas típicas, detalhes faciais, como os enormes bigodes dos gauleses, de suas tranças. A coroa de ramos, ou láurea, dos romanos, que significava vitória, portanto concedida a um general que tivesse obtido uma importante conquista. Os capacetes com reais detalhes de ambos povos.

A linguagem histórica é outro detalhe presente na obra. A existência do grande chefe guerreiro Vercingetorix é verídica. Filho de Cedito, Vercingetórix serviu como auxiliar no exército romano. Em 56 a.C., Júlio César protegeu seu

pai, permitindo-lhe afirmar-se como chefe de todos os arvernos com pretensões de ser rei. Porém Celtilo foi assassinado, e César não interveio em seu favor.

A Gália estava dividida em três partes, ao norte, a "Terra dos Celtas", habitada pelos belgas, no centro pelos gauleses propriamente ditos (Gália Comata), e, ao sul pelos aquitanos. Politicamente, a parte meridional encontrava-se nas mãos dos romanos entre 222 a.C.-121 a.C., que a denominavam de Gália Narbonense, tendo como principal centro o porto de Marselha.

A Gália Comata estava habitada por tribos celtas. Dividiam-se, de um modo geral, em galos Heudos, Arvernos, Belgas, e nos que compunham as tribos marítimas que habitavam nas margens do Atlântico (onde hoje se situam a Bretanha e a Normandia). Esses gauleses, rústicos e durões, que até então estavam fora da órbita romana, eram chamados de "galos cabeludos" (Gallo comata), para separá-los dos chamados "galos togados" (já totalmente romanizados).

Caçadores e guerreiros, envolvidos em intermináveis desavenças tribais, os galos cabeludos desprezavam a atividade agrícola, apesar da grande fertilidade do solo. Dedicavam-se à criação de cavalos e de gado, havendo, porém, entre eles grandes artistas no trabalho com bronze, estanho e objetos de prata. O pouco comércio que conheciam era em geral praticado por comerciantes romanos.

Tendo se tornado governador da província romana da Gália Narbonense (moderna Provence) em 58 a. C., Júlio César procedeu com a conquista das tribos da Gália nos anos seguintes, realizando uma estratégia cuidadosa de "dividir e conquistar". Ele utilizou-se primeiramente de estratégias políticas com as elites da Gália, favorecendo certos nobres com apoio político e produtos de luxo como o vinho.

Sabendo explorar as desavenças e as eternas desconfianças reinantes entre os galos cabeludos, particularmente entre as duas grandes tribos que habitavam a parte central da Gália, os heudos e os arvernos, Júlio César se pôs em marcha. O pretexto para intervir na Gália Transalpina foi a provável invasão dela pelos helvécios, que faziam ameaças do outro lado do Rio Reno.

Com apenas quatro legiões (a 7ª, a 8ª, a 9ª, e a 10ª), cerca de 24 mil homens, sem contabilizar as tropas auxiliares, o romano deslocou-se pelos seis anos seguintes, entre 58 a.C. e 52 a.C., por quase todo o território da Gália,

impondo-lhe a obediência ao gládio e à lei de Roma. Sob seu comando, à sua disposição, ele tinha uma das grandes invenções de Roma: a legião.

Durante o primeiro semestre do ano 53 a.C., aldeias foram incendiadas, povos foram massacrados, sobretudo entre os belgas. Júlio César fingiu acreditar que a Gália estava novamente pacificada, mas esperava pelo pior, e isso aconteceu em 23 de janeiro de 52 a.C., quando, na floresta de Orleães, no território dos carnutos, foi decidida, por ordem dos druidas (magistrados das tribos) e dos chefes gauleses finalmente reunidos, uma insurreição geral da Gália.

Essa insurreição revelou-se necessária a seus líderes quando estes, bem informados, tanto por prisioneiros romanos, quanto por espiões gauleses presentes em Roma e capazes de transmitir-lhes mensagens, sobre as dificuldades políticas que os partidários de César enfrentavam em Roma. Os carnutos, em 13 de fevereiro de 52 a.C., massacraram então os cidadãos romanos de Orleães e a notícia foi transmitida a toda a Gália. Para a grande estupefação de César, pois a informação atravessou centenas de quilômetros em algumas horas, de modo que todos os gauleses foram informados em pouco tempo. Os avernos estavam sob a chefia de Vercingetórix.

No clássico "Asterix – A Galera de Obelix" (1996) a representação da história dos romanos na conquista dos territórios gauleses, aponta para compreensão de muitos conflitos atuais. A supremacia de um governo na subjugação de um povo, por conquistas territoriais e culturais, as quais são apagadas e negadas para inserção de uma "nova" educação nos moldes do conquistador.

Ao fazer o método regressivo-progressivo (LEFEBVRE, 1995) em Asterix, verifica-se a inserção no passado, na investigação que Uderzo se permitiu na própria história dos romanos contra os gauleses, e ao voltar para o presente, reconstrói a história, com uma linguagem crítica, mas bem-humorada, do que foi e do é. Como por exemplo as quedas de Abraracúrcix de seu escudo, que sempre culpa os seus carregadores, que traduz o descontentamento das condições de trabalho.

As tentativas frustradas dos romanos, apesar do poderio armamentista, diante de gauleses munidos, na maioria, apenas de fortes braços, exprimem as lutas de classes diante da opressão governamental. O que se percebe, não só

entre as nações, mas entre os próprios romanos, quando César humilha verbalmente o Almirante Consensus que, por conseguinte, humilha verbalmente seu vice-almirante Prospectus, nota-se que a natureza humana é moldada pela mais valia, pelos manipuladores e pelos que se deixam manipular.

... a linguagem se caracteriza como importante agente que promove certa mediação dos fazeres e pensares humanos, de tal forma que aspectos como beleza, dignidade, graça e sublimação, disputem espaço comunicativo e vivencial na sociedade contemporânea, com competitividade, degradação e barbárie. (KEIM, 2019)

Mas não é só de representações negativas que Uderzo oferece. Quando os gauleses ajudam os escravos a chegar à lendária Atlântida e os habitantes os recebem de boa vontade, aceitando que os ex-escravos morem e desfrutem do local como nativos, remete a vários fatos históricos de asilados de guerra, inclusive atuais no Brasil.

O reconhecimento afetivo entre os gauleses é nítido quando Obelix vira uma criança novamente, por beber a poção mágica escondido, e todos da aldeia tentam ajudá-lo para que volte ao normal. O sentimento coletivo leva à união e ao enfrentamento dos obstáculos para o bem comum, afinal, a aldeia não seria a mesma caso Obelix não voltasse a ser adulto. Asterix, o mais empenhado nesta luta, percebe que não se reconhecia mais, pois tinha no amigo a reciprocidade de autoconfiança conquistada no decorrer do tempo, que poderia perder, caso não fizesse algo.

Todos na aldeia dos gauleses são respeitados, por suas ações éticas e manifestações públicas. Paronamix, o druida, que ajuda todos com suas poções mágicas; Asterix, o mais forte e astucioso nos combates; Obelix, o gentil grandão; Ideiafix, a mente brilhante de Obelix. O reconhecimento do direito que se deposita em pessoas, as quais fazem o bem comum, de forma justa. O auto respeito na sociedade, que faz com que o indivíduo seja merecedor de ser copiado, e esse aspecto certamente possibilita que "... uma pessoa só pode se sentir "valiosa" quando se sabe reconhecida em realizações que ela justamente não partilha de maneira indistinta com todos os demais". (Axel Honneth, *Luta por reconhecimento*, pág. 204)

O posicionamento solidário entre os gauleses é nítido quando buscam a solução do problema de Obelix, e cada um oferece ajuda conforme sua atividade

dentro da aldeia, como por exemplo a senhora Veteranix que costura novas roupas para o pequeno; e Ideiafix que ajuda a encontrar Obelix quando foi raptado pelos romanos.

O reconhecimento de solidariedade para o bem comum é reforçado quando há estima entre as pessoas, bem como a valorização do bem comum e da cultura social definida por seus entes. Dessa forma na perspectiva do reconhecimento ...

A auto compreensão cultural de uma sociedade predetermina os critérios pelos quais se orienta a estima social das pessoas, já que suas capacidades e realizações são julgadas intersubjetivamente, conforme a medida em que cooperaram na implementação de valores culturalmente definidos; nesse sentido, essa forma de reconhecimento recíproco está ligada também à pressuposição de um contexto de vida social cujos membros constituem uma comunidade de valores mediante a orientação por concepções de objetivos comuns. (HONNETH, 2003)

Contraditoriamente esta solidariedade não ocorre entre os romanos, em que uns querem se sobressair aos demais, e para isso não medem esforços, indo contra o bem comum para a vantagem individual.

A história real demonstra que muitos são àqueles que se “envenenam” com atos de desrespeito, tal como na história de Asterix. Desvios de verbas públicas, projetos de leis que visam a minoria, desigualdades sociais, vandalismo de bens públicos, desapropriação de terras, etc.

CONCLUSÃO

Nas obras clássicas, sempre haverá o posicionamento pessoal do autor, sua visão do real, mesmo que traduza de forma ficcional, estará lá, nas entrelinhas da narrativa, acontecimentos, posicionamentos e sentimentos inerentes do ser humano. Não há vivência isolada, pois o que caracteriza os homens é a necessidade do viver socialmente, de compartilhar suas experiências e valores, de fomentar culturalmente.

O leitor atento fará o reconhecimento de suas próprias vivências nas palavras do escritor, e traduzirá para seu cotidiano, seja para ratificar ou agregar conhecimentos. Fará a busca da representação na história e verificará que não há acontecimento atual que já não foi concebido, que de alguma forma, na

antologia histórica, já ocorreu, com determinações culturais diferentes, inerentes do passado, mas já sucedido.

Ler um clássico, não é somente uma fonte de prazer, é muito mais que isso. É buscar representações sociais que os autores de sua época, também as buscaram para representar na obra. É resgatar essas representações, e a partir delas se reconhecer em algum nível, podendo entender o presente, agora, de uma forma mais ampla, frente aos significados latentes da humanidade.

O hoje não existe sem o ontem, ninguém consegue viver o presente do zero. O ontem torna-se base para as decisões do agora, seja para dar continuidade ou para modificar e melhorar as ações.

A literatura clássica é importante para a compreensão das questões sociais, desde que lidas a partir das linguagens de representação e reconhecimento, pois não está impregnada de fatos didáticos políticos concebidos sob a ótica elitista, visto que a mesma não é idealizada para fins técnicos de ensinar.

O leitor, apropriando-se destas linguagens, verificará que mesmo as palavras ditas “difíceis”, por não serem mais usuais, são necessárias para entender a transformação gramatical até os dias atuais; para entender a evolução social e cultural do presente. Compreender os níveis, conceitos e tabus sociais do passado e reconhecer as representações vigentes, e finalmente obter respostas para as ocorrências, as quais são julgadas precipitadamente com bases superficiais recentes, sem uma análise profunda na antologia histórica.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Trad. Carlos Vogt... (et al.). São Paulo: Cultrix, 1980.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- LISPECTOR, Clarisse. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luis Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Insurreição**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011

_____. **Linguagem e Educação, uma complexidade a ser compreendida.** Pontal do Paraná: LEEMA – CEM - UFPR, Site: www.profjacob.com.br, 2019.

_____. Power Point: **Linguagem e Barbárie.** Pontal do Paraná: LEEMA – CEM - UFPR, Site: www.profjacob.com.br, 2019.

LEFÈBVRE, Henry. **La presencia y la ausência: contribucion a la teoria de las representaciones.** México, Fondo de Cultura Económica, 2006.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução.** Trad. Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o Povo Brasileiro.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

UDERZO, Albert; Gosgunny, René. **Asterix - A galera de Obelix.** Rio de Janeiro: Record, 1996.